



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

RAQUEL ARAÚJO LUNA

**A PROCURA PELO PRAZER NO ROMANCE *SOLO FEMININO*, DE LÍVIA
GARCIA-ROZA**

**CAMPINA GRANDE
2021**

RAQUEL ARAÚJO LUNA

**A PROCURA PELO PRAZER NO ROMANCE *SOLO FEMININO*, DE LÍVIA
GARCIA-ROZA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura plena em Letras Português.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva. (UEPB)

**CAMPINA GRANDE
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L961p Luna, Raquel Araujo.
A procura pelo prazer no romance *Solo Feminino*, de *Livia Garcia-Roza* [manuscrito] / Raquel Araujo Luna. - 2021.
22 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.
"Orientação : Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva ,
Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."
1. Literatura contemporânea. 2. Feminino. 3. Corpo. 4.
Orgasmo. I. Título

21. ed. CDD 801.95

RAQUEL ARAÚJO LUNA

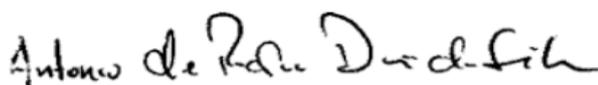
A PROCURA PELO PRAZER NO ROMANCE *SOLO FEMININO*, DE LÍVIA GARCIA-ROZA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura plena em Letras Português.

Área de concentração: Literatura.

Aprovado em: 30/ 09 /2021.

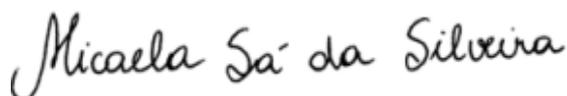
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Anacã Rupert Moreira Cruz e Costa Agra (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Micaela Sá da Silveira (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Às minhas ancestrais, DEDICO.

*“Você pensa ser uma mulher?
Engana-se, você somos muitas.”*

(Ana Amália Alves)

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
3 ANÁLISE E DISCUSSÕES.....	13
3.1 Das “preliminares” aos desprazeres	13
3.2 A busca pela compreensão do prazer feminino	16
3.3 O corpo a corpo: em busca da constatação	19
4 CONSIDERAÇÕES (não)FINAIS	22
REFERÊNCIAS.....	22

**A PROCURA PELO PRAZER NO ROMANCE *SOLO FEMININO*, DE LÍVIA
GARCIA-ROZA.**

**THE SEARCH FOR THE PLEASURE IN THE NOVEL *SOLO FEMININO*, BY LÍVIA
GARCIA-ROZA**

Raquel Araújo Luna¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é realizar uma leitura-análise acerca da protagonista Gilda, no romance *Solo Feminino: amor e desacerto* (2002), da autora contemporânea Lívia Garcia-Roza. O estudo empreendido centra-se em observar a travessia da personagem para obter o orgasmo, considerando suas vivências e relações afetivas-sexuais desencadeadas ao longo da narrativa, bem como nos propomos a investigar as raízes e os porquês deste, até então, desconhecimento. Põe-se em debate o sentir/conhecer a si, verificando a existência dos possíveis entraves, que repercutem no silenciamento e no não conhecimento das sensações do próprio corpo. O *corpus* literário analisado contribui para tecer considerações sobre um tema que, para muitos, configura um tabu social. A pesquisa se pauta à luz das contribuições teóricas de Priore (2014), Lins (2012), Foucault (2013), Dalcastagnè (2015), e Muchembled (2007). Pode-se constatar que as ações praticadas pela personagem na busca pelo prazer compreendem, também, a busca de si, e que o desconhecimento sobre o orgasmo, neste caso, não decorre de fatores cultural-religiosos ou fisiológicos, mas o principal entrave advém do egocentrismo das figuras masculinas, as quais durante o ato sexual priorizam o próprio gozo.

PALAVRAS- CHAVE: Literatura Contemporânea; Feminino; Corpo; Orgasmo.

ABSTRACT

The objective of this work is to do a reading-analysis about the protagonist Gilda, in the novel *Solo Feminino: amor e desacerto* (2002), by the contemporary author Lívia Garcia-Roza. The study undertaken centers in observing the journey of the character to obtain the orgasm, considering her experience and sexual-affective relations unleashed through the narrative, as well as we propose to investigate the roots and the whys of this, until then, lack of knowledge. It is put in debate the feel/know oneself, verifying the existence of the possible barriers, which have repercussions in the silencing and not in the knowledge of the sensations of the own body. The analyzed literary “corpus” contributes to make considerations about a theme, which for many people, still, configures a social taboo. The research and is guided to the light of the theoretical contributions of Priore (2014), Lins (2012), Foucault (2013), Dalcastagnè (2015) and Muchembled (2007). It can be seen, from the work, that the actions practiced by the character in the search for the pleasure comprises, too, the search for herself, while the lack of knowledge about the orgasm, in this case, does not stem from religious-cultural or physiological, but the main obstacle comes from the disinterest and egocentrism of the male figures, which during the sexual act prioritize their own climax.

Keywords: Contemporary Literature; Feminine; Body; Orgasm.

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: lunarachel77@gmail.com.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O romance contemporâneo *Solo Feminino: amor e desacerto* (2002) é um dos títulos publicados pela editora Record para compor o projeto Amores Extremos, escrito pela psicanalista Lívia Garcia-Roza. A obra, que é narrada em primeira pessoa, possui uma linguagem clara, esse estilo de escrita simples permite que o texto seja melhor compreendido pelo leitor. Além disso, no tecido textual verifica-se a presença de vários discursos diretos, os quais demonstram as indagações e inquietudes da jovem Gilda sobre o orgasmo.

Advinda de uma construção familiar em que o núcleo é composto, no geral, por figuras femininas, a protagonista da narrativa vivencia um relacionamento conturbado, sobretudo, com a mãe, já idosa e dotada de pensamentos imbricados na moral conservadora. Apesar de desfrutar do status de independência corporal, Gilda se depara com julgamentos moralistas por parte da figura materna, que hostiliza seu desempenho enquanto sujeito-mulher, principalmente no que diz respeito ao seu envolvimento em relações afetivas-sexuais. Durante sua jornada, mesmo desfrutando de experiências no âmbito amoroso, frustra-se ao perceber que não obtivera prazer orgástico durante o ato sexual. A ausência de tal conhecimento fará a jovem se desdobrar em dois caminhos: o da busca pela compreensão e pela constatação. O primeiro, é a procura pelo conhecimento a partir de conversas informais, pois através da experiência de outras mulheres a protagonista almeja compreender como essa sensação se processa. O segundo, é o alcance do gozo através de encontros com diversos parceiros, sempre formando um par heterossexual.

Posto isso, partindo das experiências afetivas de Gilda, desencadeadas ao longo do romance, o trabalho centra-se em analisar sua travessia na tentativa de alcançar o orgasmo, bem como nos propomos a investigar as raízes e os porquês deste, até então, desconhecimento. Com isso, pretende-se, também, levantar discussões sobre o sentir e o conhecer a si, evocando as possíveis implicaturas que repercutem no silenciamento e no não conhecimento das sensações da mulher para com o próprio corpo.

Para isso, a leitura empreendida se atém à fontes restritamente bibliográficas. Recorremos à Genette (2008), para tratar acerca da narração, a Gancho (2014), para classificação dos personagens, e às noções teóricas de Dalcastagnè (2015), sobre o romance na contemporaneidade. Para além disso, percorremos outros campos que estabelecem diálogo com o nosso objeto-problema, abarcando os postulados decorrentes da psicanálise freudiana e os estudos históricos-sociais tecidos por Priore (2014), Foucault (2013) e Lins (2012). Adentraremos, também, ao campo da religiosidade judaico-cristã, pois, conforme pontua Muchembled (2007), a religião por muitos séculos propagou “normas comportamentais”, as quais incentivaram a sublimação dos prazeres eróticos.

Compreendemos o orgasmo como um fator essencial para a satisfação, física e psíquica da mulher, mas sabemos que nem todas têm conhecimento de causa, seja por desinteresse ou pelas diversas crenças distorcidas e popularizadas, que condicionam o autoconhecimento e podem gerar transtornos ligados à autoestima. Dito isso, cremos que o sexo aliado ao prazer são pilares fundamentais para o bem-estar do sujeito e para manutenção da relação, pois durante a relação sexual o encontro entre os corpos deveria prezar pela satisfação sexual do casal. Essa, por sua vez, funciona como complemento para o estado de felicidade dos indivíduos, visto que a chegada ao gozo é o produto de uma (re)ação íntima sexualmente equilibrada.

Em hipótese, supomos que a ausência do gozo pode ser influenciada por um ou mais dos seguintes aspectos: o orgânico, pois existem disfunções sexuais que impedem a chegada ao orgasmo, tal como a anorgasmia feminina; a questão cultural-religiosa, a qual percebe a relação sexual em prol do prazer carnal como uma prática de perversão e, por último, o aspecto

social atrelado ao machismo estrutural, convertendo-se no desinteresse de alguns homens que desejam apenas um corpo para gozar e se despreocupam em satisfazer sexualmente a mulher.

Ademais, a análise realizada no texto literário selecionado é fruto dos diversos debates provenientes de uma disciplina da graduação, denominada Literatura e Estudos de Gênero, na qual muito se discutiu sobre os estigmas sociais e o direito ao gozo. Dessa maneira, nossa pesquisa, assume valor contributivo, pois, através dessa torna-se possível elencar considerações sobre uma temática que, para muitos, ainda, configura um tabu social, mesmo após o advento dos Feminismos e dos significativos avanços no campo da medicina, como, por exemplo, o “boom” da pílula anticoncepcional na década de 1960 e a abertura de espaços de diálogo nos mais diversos meios de comunicação, existe uma introspecção por parte da sociedade acerca do tema, principalmente, quando está posto em voga a atuação feminina. Portanto, o trabalho desenvolvido colabora com a validação e universalização de uma temática, a qual está longe de ser um assunto totalmente esgotável.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao longo da história humana, diversas esferas sociais se (pre)ocuparam em tecer discursos sobre o corpo feminino, os quais caminham desde as condições anatômicas até o modo como o “ser mulher” deve portar-se na sociedade. Discursos esses, a princípio, formulados por uma ótica turva, advinda do domínio patriarcal, o qual formatou e influenciou variadas instâncias de poder e, como consequência, estabeleceu o que denomina-se por “moral ideal”, uma expectativa construída através de valores cristalizados socialmente, que classifica a conduta dos indivíduos como boa ou má e estabelece papéis sociais, os quais quando contestados por algum ato causador de cisão na estrutura moralista torna-se alvo de rechaço e de exclusão. Essa obediência aos padrões de conduta é o que a perspectiva de Foucault (2013) nomeia como “corpo dócil”.

Os desviantes “da moral e dos bons costumes” são punidos pelos componentes construtores e reprodutores desta estrutura. De acordo com Foucault (2013), esses “opressores”, os quais estão inseridos em ambientes políticos, religiosos, instituições de ensino, nos lares, entre outros espaços, detêm-se em punir/oprimir indivíduos de ambos os sexos através da percepção das normas sociais. Tendo isso vista, vamos estreitar nossa discussão ao sujeito-mulher, uma “personagem” que por muitos séculos mal podia falar e responder por si, pois como aponta Laqueur (2001), as considerações sobre “ser mulher” partiam de conceitos estabelecidos por homens, que possuíam maior prestígio intelectual e social dentro das estruturas de poder social. Por essa razão, algumas percepções eram erroneamente validadas pela opinião pública firmada no patriarcado.

Quando somado o corpo feminino ao prazer, especificamente o orgasmo, vemos um desenvolvimento de uma história conflituosa. Por muito tempo, pelo viés religioso, a mulher era vista como um depósito de espermatozoides e o sexo, considerado sujo, tinha como finalidade, exclusivamente, a reprodução da espécie. A relação sexual que prezasse pela obtenção do prazer, portanto, era taxada como desviante dessa premissa reprodutora, sendo demonizada, pois o rompimento dessa norma manteria uma associação entre o corpo e o mal diabólico. Como afirma Muchembled (2007), o “pecado da carne” passou a ser duramente apontado pelos teólogos e demonizado pelos pregadores cristãos, com o objetivo de reprimir as práticas sexuais e, portanto, impedindo a ocorrência do orgasmo. A afirmação do teórico coincide com a ideia de Lins (2012, p.125), que aponta: “A igreja desenvolveu horrores aos prazeres do corpo.” Partindo disso, percebemos que a influência religiosa ocupou um papel pontual na sublimação dos prazeres eróticos.

Segundo os estudos históricos de Gilson (2013), o filósofo e teólogo Santo Agostinho foi um dos percussores do moralismo religioso ao acentuar manuais sobre como educar a carne

para resistir às tentações, discutindo sobre a matéria humana (corpo físico) e o metafísico (alma), instruindo a busca pela salvação espiritual através da anulação dos desejos humanos, como sacrifício digno de salvação celestial. Contudo, mesmo após o consentimento religioso para a constituição do matrimônio, como uma violação legal para a prática do sexo, seria preferível a abstinência, pois essa era compreendida como sinônimo de pureza. Podemos encontrar tal parâmetro condicional no Novo Testamento, nas palavras do apóstolo Paulo: “Mas se não conseguem controlar-se, devem casar-se, pois é melhor casar-se do que ficar ardendo em desejo” (I CORÍNTIOS 7:9).

Conforme elucida Knibiehler (2016), após o casamento o sexo era visto como lícito, para a continuidade da espécie humana. No entanto, segundo a autora, a relação conjugal praticada apenas para obter o gozo permanecia abominável aos olhos de Deus e da Igreja, que por meio de sermões propagava entre os fiéis a culpa, sentimento que os direcionava para o confessionário e, posteriormente, os delitos confessados se traduziam no cumprimento de penitências, visando a “cura das imoralidades” do sexo. Para isso, diversos outros trechos das escrituras foram utilizados para reforçar o cuidado com os “atos pecaminosos”. Dentre as citações, uma que recebe destaque diz:

A vontade de Deus é que vocês sejam santificados: abstenham-se da imoralidade sexual, cada um saiba controlar seu próprio corpo de maneira santa e honrosa, não dominado pela paixão de desejos desenfreados como os pagãos que desconhecem a Deus. [...] O Senhor castigará todas essas práticas[...] (1 TESSALONICENSES 4: 3-6).

Assim, depreendemos que o discurso religioso manteve suas raízes arraigadas durante muitos séculos, no que diz respeito ao uso dos prazeres. Em contrapartida, gradualmente, essas prerrogativas ligadas à Igreja foram desestabilizadas, pois outros campos do saber, tais como as ciências biológicas, a medicina e suas especialidades, a psicanálise, e os questionamentos mobilizados pela filosofia e pela sociologia, se propuseram a investigar e debater sobre diversos temas humanos, dentre eles o orgasmo feminino. No entanto, neste decurso muitas ideias equivocadas foram socialmente cristalizadas. Mesmo após a descoberta do clitóris, da popularização dos métodos contraceptivos, do lançamento do famoso Relatório de Kinsey² e do declínio religioso no século XX, a “tirania do orgasmo” ainda persiste, e será sobre ela que nos debruçaremos para analisar a trajetória da jovem Gilda.

A protagonista e narradora do romance *Solo Feminino: amor e desacerto* (2002), de Livia Garcia-Roza, é uma jovem carioca que ocupa o cargo de secretária no comércio formal e auxilia nas despesas do lar onde reside com a família, no subúrbio do Rio de Janeiro. A personagem é órfã de pai e convive com a mãe, um tio e a empregada. Gilda é a filha caçula, além dela há mais três irmãs que são casadas e realizam visitas ocasionais à família. Aos vinte e seis anos, ela se descreve como uma mulher de corpo curvilíneo e atraente, que arranca assovios ao caminhar pela rua e no trabalho é assediada pelo chefe. No âmbito amoroso, tem uma relação triangular com José Júlio, o qual é legalmente casado com Aurora. No entanto, devido à falta de correspondência afetiva, ela opta pelo rompimento do caso amoroso. Ao identificar que desconhece o gozo feminino, ela mobiliza uma jornada sexual a fim de compreender e sentir o orgasmo.

² Neste relatório o pesquisador americano Alfred Charles Kinsey (1894-1956), publicou em meados da segunda metade do século XX seus estudos sobre o comportamento sexual dos humanos, após uma extensa pesquisa de escuta e observação sobre a sexualidade e as performances de gênero durante o sexo. Baseando-se em dados estatísticos obtidos através de entrevistas, criou uma escala sexual, também conhecida como “Escala Kinsey”, para justificar certos padrões de comportamentos. Em sua pesquisa, debruçou-se para compreender o orgasmo feminino e constatou através do método comparativo que as mulheres gozavam em menor proporção que os homens durante a cópula, com base nisso sustentou a hipótese de que os códigos sociais limitam ou anulam o prazer orgástico (MUCHEMBLED, 2007, p. 304).

Posto isso, nos apropriamos desta narrativa denominada como romance contemporâneo segundo a perspectiva de Dalcastagnè (2015), pois reflete uma das problemáticas sociais condizentes com o nosso tempo, destacando a busca pelo prazer sexual feminino. Na obra, nos deparamos com a narradora-personagem, Gilda, a qual ocupa essa categoria narrativa segundo a perspectiva de Genette (2008), pois relata a história em primeira pessoa; atuando como protagonista. Os demais personagens que estão inseridos no enredo serão expostos ao longo do nosso trabalho, os quais ocupam o papel de personagens secundários, conforme aponta Gancho (2014), esses desempenham o “papel de ajudantes do protagonista”, pois, as ações praticadas por eles ao longo da trama contribuem para a sustentação do enredo. Dito isso, seguiremos para a análise do texto literário privilegiando três subtópicos a fim de contemplar e delimitar a busca pelo prazer.

3 ANÁLISE E DISCUSSÕES

3.1 Das “preliminares” aos desprazeres

A protagonista da história usufrui de diversos direitos civis: é trabalhadora em uma empresa privada de onde colabora com as despesas domésticas, investe em trajes e acessórios que valorizam a sensualidade do corpo, tem ao alcance os benefícios da pílula e de outros métodos contraceptivos acessíveis para quem vive no mundo contemporâneo. Em contrapartida, compõe um triângulo amoroso com José Júlio, o qual é legalmente casado com Aurora. Nessa relação triangular, portanto, Gilda preenche o papel de amante, sendo deslegitimada socialmente em diversas ocasiões. Esse fato que a faz residir na casa da mãe, uma viúva idosa com *déficit* auditivo, com quem mantém um relacionamento familiar assiduamente conturbado.

Após uma série de percalços amorosos, sempre ocupando o lugar de outra na relação, ela nos apresenta seu parceiro sexualmente veloz e expõe seus desprazeres ao leitor, descrevendo o trajeto e os comportamentos dele durante a relação:

José Júlio chega ao motel sempre apressado. Mal entra no estacionamento, baixa a porta da garagem fazendo estrondo, custei a entender que era para que não vissem a placa do carro. Sobe a escadinha aos pulos, me puxando pela mão, dizendo um monte de elogios, corre em direção a cama, me empurra contra ela e cai em cima de mim; se desabotoando aflito...tenho sempre a impressão de gincana quando vamos transar. (GARCIA-ROZA, 2002, p. 22).

É possível observar que as atitudes de José Júlio, descritas pela protagonista, reforçam a condição de triângulo amoroso quando, estrategicamente, ele tenta esconder seu automóvel de prováveis olhares denunciadores do caso extraconjugal. Nesse contexto, o espaço do motel também reforça a ideia de um lugar desviante, intensificado pela palavra “sempre”, denotando um hábito rotineiro entre os amantes. Muchembled (2007, p. 32) refere-se aos espaços lícitos e ilícitos para o sexo, ao descrever a ótica moralista cristã, como sendo: “O núcleo conjugal clássico a unidade básica primordial, lugar privilegiado de encontros dos corpos individuais e das normas, único espaço lícito de expressão da sexualidade”. Por esse viés, os moralistas restringem o sexo como lícito só mediante o casamento e no lar matrimonial. Nesse ínterim, o relacionamento do qual Gilda faz parte infringe o código social de monogamia, por isso o casal socioculturalmente reprovado, muitas vezes, esconde-se em espaços privados, como é o caso do motel.

Além disso, a “pressa” no sexo, conforme o trecho acima, não se restringe só à fuga dos olhares alheios, ela se configura nas “preliminares”, que de modo descuidado se antecipam através dos gestos e expressões. Entendendo como preliminares o que Freud (2020, p. 40) elenca como ações anteriores ao gozo, iniciadas por meio de carícias físicas ou verbalizações

afetuosas no momento íntimo, mecanismo erótico banalizado pela atitude apressada do parceiro de Gilda.

Podemos notar que, ao se despir no estado emocional dito como aflito, temos mais um indício de pressa masculina para o sexo, nos lançando a prerrogativa de a saciedade do homem estar em primeiro plano, como nos diz Lins (2012, p. 25): “A preocupação em não perder a ereção é tanta que fazem um sexo apressado, com o único objetivo de ejacular”. Nesse sentido, o macho vence a etapa de saciar seu impulso natural e a fêmea ocupa um segundo plano na relação. Outro fator denunciante é confirmado textualmente pela afirmação presente no fragmento acima, “tenho sempre a impressão de gincana quando vamos transar”, o que nos permite inferir uma certa competitividade que elege um ganhador; essa impressão é reforçada pelo “sempre”, expondo uma condição sexual constante neste relacionamento.

Nas palavras de Lins (2012, p. 26), “[...] cumprir o papel de macho é o principal objetivo. Trocar afeto com a parceira é secundário.” A estudiosa considera esse trato sexual como um costume decorrente do machismo estrutural, sob essa ótica a performance do homem deve mostrar disposição e virilidade. Tendo observado as situações narradas, constatamos discursivamente esse privilégio masculino durante o sexo, o qual preocupa-se em satisfazer suas necessidades sexuais, colocando a parceira como componente secundário ou praticamente inexistente no que diz respeito ao alcance do orgasmo.

José Júlio assegura a Gilda que irá solicitar o divórcio de Aurora, para que possam viver a dois e tê-la como esposa, porém ambos passam a conviver sob um mesmo teto sem o cumprimento da promessa de separação. Nessa convivência informal, ele se divide entre estar com a esposa legítima e estar com Gilda: “José Júlio fez questão de prometer a mamãe que se casaria comigo, teria apenas que assinar o divórcio [...] Assim começou nossa vida a quatro: José Júlio, eu, Aurora e Bianca” (GARCIA-ROZA, 2002, p. 39). Desse modo, a narradora-personagem descreve a manutenção da relação triangular, sendo os dois últimos nomes citados no trecho correspondentes à esposa e à filha de José Júlio, respectivamente.

Além desse desapontamento amoroso, Gilda enfrenta o discurso moralista por parte da sua mãe, que a enxerga como um agente transgressor por “desestabilizar” o conceito monogâmico de família. De acordo com Foucault (2013), a manutenção desta vigilância, que observa e pune um determinado membro da sociedade, pode derivar de diversas estruturas de poder. Nesse caso, quem ocupa a categoria de “vigilante” das ações da protagonista é própria figura materna, a qual possui um aparente pensamento conservador e materializa suas críticas no discurso, como podemos notar neste dizer:

No dia em que mamãe soube que José Júlio era casado, me entregou a todos os santos conhecidos e aos parentes que tinham morrido. Aliás, não sei com que direito ela entrega minha alma... por isso mesmo me sobra apenas o corpo, disse, e ela se benzeu [...] Continuou a cantilena, podia esperar tudo de mim, menos que sua temporã enveredasse pelo mau caminho. (GRACIA-ROZA, 2002, p. 15).

O papel de amante, dentro de um contexto alicerçado no ideal monogâmico derivante da religião de base cristã é tido como vergonhoso e inadmissível, contrariando preceitos de fidelidade conjugal. Percebe-se que a figura materna é uma senhora de idade e, possivelmente, carrega valores de outras épocas enviesados na religiosidade. Com isso, vemos a presença destes princípios morais materializados na fala materna ao dizer que entregou “a todos os santos conhecidos” e aos entes falecidos, para legitimar a ideia de que a filha percorria um “mau caminho”, o qual se projeta no desvio da norma religiosa-social que elege a fama de boa moça ou de mulher perdida, avaliando determinadas ações. Adiante, os julgamentos continuam: “Queria me informar, e era o que tinha a dizer, que havia me entregue à santa das causas perdidas” (GARCIA-ROZA, 2002, p. 110). Como ressalta Foucault (2013), observamos que a mãe de Gilda ocupa a posição de opressora, pois ao entregar a filha “à santa das causas

perdidas”, afirma que não está ao seu alcance a corrigir a atitudes da jovem, com as quais discorda, transferindo essa competência à espiritualidade. Dito isso, um dos notáveis desprazeres da protagonista é a relação parental com a genitora.

Além disso, outro desprazer continuava não resolvido: o gozo. Então, Gilda recorre ao diálogo com o parceiro, a fim de expor ao seu par romântico sobre sua a inquietação pessoal durante o ato sexual. Como já dito, José Júlio não investia em preliminares, não se propunha a ser carinhoso e sequer procurava estimular afetuosamente a parceira, mostrando-se sempre apressado na execução do ato. Dessa forma, Gilda acreditava que dialogar poderia ser um modo dinâmico de corrigir a situação:

- [...] então disse a José Júlio que eu queria falar sobre sexo.
 — Sexo?
 — É, Sexo.
 — Eu não tenho tido prazer com você, é isso...- assim comecei.
 — É mesmo??...
 — Você é muito desregulado, afobado, faz tudo na correria
 — Tesão, chuchu... (GARCIA-ROZA, 2002, p. 87)

A conversa apresentada em forma de discurso direto, recurso que busca transportar para a escrita as falas dos personagens, demonstra a tentativa de interação sobre o problema sexual enfrentado por Gilda, o qual é justificado por José Júlio como “tesão”. Na verdade, essa alegação corresponde a uma resposta clichê, uma vez que o gozo pode não ser simultâneo, mas o parceiro pode se empenhar para que a parceira também possa gozar. Essa individualização sexual masculina é confirmada por Lins (2012, p. 26): “É difícil, mas a sexualidade típica do machão é assim mesmo: impessoal, estereotipada, limitada”. No entanto, consideramos que o papel de “machão” e de “viril” aplicados ao homem é desgastante para o próprio sujeito, visto que a bravura exigida pelo patriarcado reforça o mito da masculinidade sólida, que o priva de falhar e, por consequência, torna-se um produto do machismo socialmente aceito. Reflexo disso, podemos constar no fragmento abaixo, após o diálogo entre ela e José Júlio sobre a falta de dinâmica sexual:

- Vamos resolver isso agora. Agorinha mesmo. — Pulou em cima de mim. Apesar de tentar se controlar, em poucos minutos José Júlio se **desmilingüia**. Ao terminar perguntou como tinha sido pra mim. Melhor um pouco, menti, e fomos para o quarto [...]Quando José Júlio dormiu caí num choro raivoso, convulso e profundo. (GARCIA-ROZA, 2002, p. 87- Grifo nosso³).

Conforme o trecho, a conversa não corrigiu a falta de prazer que a protagonista reivindicara. Não existindo o suposto controle da parte do homem para que companhia gozasse, ainda que ao final a interrogasse sobre o desempenho: “perguntou como tinha sido pra mim” (GARCIA-ROZA, 2002, p.87). Apesar disso, Gilda não ofereceu uma resposta indelicada para referir-se à relação sexual insuficiente, ela utilizou-se do eufemismo “melhor um pouco”, procurando parecer razoável e se privar de ferir o ego alheio. No entanto, a protagonista admite que mentiu. Segundo Freud (2013), o sujeito pode usar a mentira como uma forma de “negação” para não lidar com situações incômodas. A partir disso, compreendemos que a protagonista optou por um modo de esquivar-se do assunto, usando a mentira como mecanismo de defesa, naquele momento. Entretanto, a insatisfação assume uma forma de escape: “caí num choro raivoso, convulso e profundo”. Essa reação de pranto reflete um estado de abandono e

³ A publicação da obra foi anterior à adesão ao Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa (1990), que passou a exigir a adoção de algumas normas linguísticas, entrando em vigor no ano de 2008. Sendo assim, respeitamos a grafia original do texto, conforme as normas estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

humilhação, visto que egocentrismo masculino faz com que Gilda sintasse objetificada, tendo o corpo e o desejo desvalorizados.

Após colecionar desacertos, a decisão de rompimento é tomada por Gilda: “[...] já conversamos sobre os nossos corpos que não se encontram na cama e nem em nenhum outro lugar” (GARCIA-ROZA, 2002, p. 87). Como ressalta Priore (2014), o sexo e a satisfação compõem pilares fundamentais para o mantimento da relação. Com isso, observamos que a tomada de decisão da personagem não se restringe apenas à condição afetiva de amante, mas ao cenário de desencontro sexual que impacta na ausência do prazer feminino, o qual representa o desejo de autorrealização para Gilda.

3.2 A busca pela compreensão do prazer feminino

Segundo Souza (2019, p. 7), a etimologia do termo “orgasmo” tem origem grega (orgasmós), atribuído a essa palavra o sentido metafórico de “ferver de ardor” e corresponde ao “nível mais alto de excitação sexual”. Entretanto, a pesquisadora destaca a existência de uma lacuna reducionista quanto às definições propostas pela biologia, apontando que ao longo do tempo, de modo equivocado, o gozo era percebido como resultado da união entre os órgãos reprodutores durante a cópula, conforme a referida autora argumenta no trecho:

[...]coube a biologia descrever anatomicamente os órgãos sexuais (reduzindo assim, muitas vezes, a questão da sexualidade às partes específicas do corpo, não o sexualizando por completo) e às ciências humanas dar conta das questões sociais e culturais que moldam nossa percepção da sexualidade. (SOUZA, 2019, p.5).

Por esse viés, entendemos que não há um conceito aprofundado pelos manuais de biologia, pois esses divergem entre si, não descrevendo uma série de mecanismos que podem interferir no prazer orgástico, considerando, no geral, essa reação como um produto decorrente do estímulo das zonas erógenas do corpo. Desse modo, esquecendo-se de elencar fatores bioquímicos, psicológicos e sociais que podem influenciar no gozo. Porém, tendo em vista o caráter evolutivo da ciência, cabe ressaltar que os estudiosos desse campo, assim como de outras áreas, se debruçam para investigar tais lacunas acerca deste fenômeno de modo gradativo, visando contribuir para uma conceituação mais ampla e menos arcaica sobre o gozo.

No entanto, a protagonista do romance com aparente interesse em compreender como se processa a sensação do orgasmo, não recorre às explicações científicas. Ela se dispõe a investigar sobre o prazer a partir das experiências de outras mulheres, porque se sente frustrada diante da não percepção do gozo em seu corpo. Com o rompimento do caso amoroso, retorna para casa de sua mãe e percebe-se como uma adulta sexualmente insatisfeita, “Ao retirar a roupa em frente ao espelho me vi desfeita, beirava os vinte e sete anos, e nem uma única vez tivera prazer sexual, estava mal” (GARCIA-ROZA, 2002, p. 87). O espelho, objeto capaz de refletir a imagem da matéria, traz metaforicamente uma leitura que Gilda faz física e emocional de si, reflexão interna e externa do desprazer. Após esse evento, a personagem se propõe a descobrir sobre a sensação do gozo feminino através de conversas informais. Assim sendo, a primeira conversação ocorre com Nina, uma de suas irmãs:

Com ela, acontecera muito depois. Contou que só alcançara as nuvens (alcançara as nuvens) ao se imaginar menina nos braços de Sérgio. E todas as vezes era assim. Ela ia ficando cada vez menor, então, ascendia aos céus. [...]Bem, apesar de ter sido sincera, de nada adiantou a conversa com Nina. (GARCIA-ROZA, 2002, p. 103).

A explicação prestada por Nina, a qual se refere ao orgasmo utilizando eufemismos como “alcançar as nuvens” e “ascender ao céu”, transparece uma resposta velada, ofuscando

na linguagem uso de termos como prazer, orgasmo, gozo. Esse fato nos revela o tabu do desconhecimento dessas expressões através da censura linguística, em que certas palavras são excluídas ou neutralizadas, como se fossem chulas, desrespeitosas e até impronunciáveis. Como atesta Ferreira Netto (2008, p. 10), os enunciados são formulados de maneira que “se adaptam continuamente às necessidades e restrições dos indivíduos”. Portanto, o que parece uma escolha vocabular sutil caracteriza interditos carregados de sentidos. Em vista disso, a explicação ofertada pela irmã foi posta de forma obscurecida, a experiência sexual não demonstrou clareza para que Gilda pudesse entender e formular uma conclusão.

A procura pela compreensão do orgasmo não se esgota na primeira entrevista, a protagonista interroga uma colega de trabalho a fim de desvendar as possíveis experiências, para concretizar o tão desejável prazer:

Então, perguntei como ela fazia para chegar ao orgasmo. Não chegava, respondeu. Só acontecera uma vez[...] Parece que o corpo vai explodir, depois se sacode, totalmente descontrolado, sabe como é? Disse que não precisava continuar.

— Nunca senti de perto?

— Nem de longe- respondi, e me afastei.

Com Susie, eu não chegaria a nada. (GARCIA-ROZA, 2002, p. 111).

Com o resultado não muito diferente do anterior, o relato não apresenta novas descobertas, pois a amiga contabilizava um remoto orgasmo ao longo da carreira sexual. Dito isso, mesmo alegando já ter gozado, a resposta de Susie demonstra uma experiência bastante subjetiva não correspondendo às curiosidades de Gilda, a qual desiste de desenvolver a conversa não enxergando possibilidades de receber uma explicação consistente.

Empreendendo mais uma etapa na busca pelo conhecimento do orgasmo, a protagonista recorre à outra irmã, Dadá, com quem trocava cartas. Através de uma correspondência, Gilda recebe o seguinte parecer:

Dias depois, Dadá respondeu que, para ser sincera, não fazia menor ideia do que era um orgasmo com Hermano; de vez em quando, costumava usar o chuveiro do bidê. O corpo saltitava durante um tempo e depois passava. Mas, pelo amor de Deus, que eu não contasse a ninguém”. (GARCIA-ROZA, 2002, p. 112).

No relato de Dadá, ao confirmar que não “fazia menor ideia”, percebemos a falta de pragmatismo e a ausência de conhecimento tácito sobre as reações do próprio corpo. Além disso, ao solicitar que “não contasse a ninguém”, nos sugere a vergonha implícita em desconhecer o fato. Ao tratar sobre a constituição do matrimônio e o papel da mulher, Priore (2014, p. 55) elucida que, aos olhos da sociedade patriarcal, “A esposa era responsável pela felicidade dos cônjuges. E felicidade despida de sensações consideradas desonrosas e inexplicáveis”. Assim, identificamos que ambas as irmãs de Gilda cumpriam socialmente o papel de “boas esposas” testificando a “perdoável ignorância”, se privando de exigências sexuais, as quais poderiam ser tidas como inoportunas. Dessa forma, mantendo comodismo masculino na relação, para evitar possíveis atritos conjugais.

Em seguida, ao consultar sua mãe, Gilda não é correspondida: “Quando tentei puxar o assunto com mamãe, ela disse que a respeitasse, que não queria saber dessas nojeiras” (GARCIA-ROZA, 2002, p. 112). A figura materna se omite totalmente a discutir sobre “o assunto”, censurando o questionamento da filha e nomeando a atitude da filha como desrespeitosa. Tal comportamento revela vestígios do moralismo arcaico que considera os interesses sexuais como uma quebra de pudor. Ao observar o breve diálogo íntimo entre mãe e filha, principalmente ao julgar que se trata de uma idosa possivelmente educada em outros tempos, nota-se que o tema é tratado de forma abjeta, desqualificando o orgasmo, que assume

tom pejorativo do ponto de vista materno ao classificá-lo como “nojeira”. Desse modo, atribuindo ao ato sexual o aspecto de imundície.

Segundo Lins (2012, p. 134), “Na nossa cultura judaico-cristã qualquer prática que não leve à procriação sempre foi condenada, e os genitais são, para muita gente, considerados uma parte suja do corpo, por sua proximidade com os órgãos de excreção”. Posto isso, o posicionamento tomado pela mãe de Gilda deriva de uma moral construída com base em ensinamentos cristãos, em que o sexo e o prazer carnal são tidos como imundície e perdição da alma. Reforçando essa tese, Priore (2014, p. 28) ressalta que “Não foram poucos os que fustigaram o corpo feminino, associando-o a um instrumento do pecado e das forças diabólicas que ele representava na teologia cristã”. Dito isso, podemos constatar que o repúdio ao orgasmo expresso pela idosa é decorrente deste condicionamento histórico e nos revela como o rechaço ao gozo sexual se instaurou na sociedade por influência do cristianismo, que disciplinou os corpos e a conduta de seus seguidores ao longo do tempo, mantendo-se enraizado no pensamento de uma parte mais conservadora da sociedade.

Ainda assim, Gilda não se afeta com os dizeres da mãe. Desta vez, continua sua jornada entrevistando outra idosa, a qual julga ter tempo de experiência: “Bati à sua porta; pedindo que ela não estranhasse a pergunta, porque se tratava de uma pesquisa, gostaria de saber se ela tivera (no caso eu tive que usar o verbo passado) orgasmo” (GARCIA-ROZA, 2002, p. 112). Logo, percebe-se que a protagonista articula uma estratégia para adquirir a informação desejada, se distanciando pessoalmente da situação ao justificar que a pergunta é decorrente de uma “pesquisa”, assim, prevendo evitar que a interlocutora a censurasse.

Nesse âmbito, o aparente desconhecimento da entrevistada denota o prazer orgástico como indefinido, visto que as diversas opiniões emitidas sobre ele e das quais ela tem conhecimento se contrapõem, “uns dizem uma coisa, outros, outra”. Esta amplitude explícita na resposta da idosa é fruto do que Laqueur (2001) considera como produto da omissão científica e cultural em relação ao exercício do sexo e da sexualidade. Sob a ótica do autor, durante muitos anos, o orgasmo feminino não foi discutivelmente priorizado pela medicina, o saber científico se tangenciava da população que se apegava ao senso comum, visto que as pesquisas se restringiam à academia e aos domínios médicos. Com efeito, a falta de divulgação científica atrelada ao desintessere da população civil, no geral ausente de letramento, reverberou na criação de mitos e crenças em opiniões distorcidas, resultando num discurso superficial e lacunar.

Na última tentativa, Gilda interroga a empregada da casa, “Wilma acabava de enxugar os talheres e atirá-los na gaveta, com o esporro de sempre. Comecei a xaropada. Quando terminei ela disse: — Sei nada disso não” (GARCIA-ROZA, 2002, p. 113). Vemos aqui uma demonstração de desentendimento ou, até mesmo, de desinteresse ao utilizar as palavras “nada” e “disso”. Nesse contexto, podemos atribuir ao uso dessas expressões uma suposta inexperiência por parte da doméstica, talvez nunca tivera relações sexuais ou, movida pelo pudor, tenha desprezo particular sobre o assunto. Tais leituras se afinam com Knibiehler (2016, p. 164), pois para ela: “O pudor depende do controle de si, e é uma conduta responsável, ao passo que a inocência é uma forma de ignorância; na verdade, de inconsciência.” Afinal, a negação ao diálogo é um direito do interlocutor, porém quando tal omissão é posta no texto literário não podemos negligenciar que certas escolhas não são aleatórias dentro das malhas da ficção. Nesse sentido, o silenciamento convertido em pudor acerca do orgasmo, aparece não só de Wilma, mas pode ser observado em outras personagens já supracitadas, configurando-se tanto nas ações discursivas quanto nos corpos.

No decurso investigativo da protagonista, vê-se que o prazer feminino é obscurecido nas discussões que envolvem questões íntimas sobre o tema. Ciente disso, a própria narradora afirma: “Minha ignorância pode ter consequências incalculáveis...” (GARCIA-ROZA, 2002, p.

113). Consciência essencial que desperta para os dissabores da ignorância e a impulsiona para uma nova trajetória a fim encontrar o prazer e de encontrar-se como mulher.

3.3 O corpo a corpo: em busca da constatação

Após o insucesso dos interrogatórios informais, a personagem busca, através do próprio corpo, a constatação do prazer. Para isso, elege o “objeto” homem com a intencionalidade de chegar ao ápice, exclusivamente, através do ato heterossexual. Segundo a psicanálise freudiana, o “objeto” é compreendido como o meio/mecanismo adotado por um indivíduo para chegar a uma “meta sexual”. Essa, por sua vez, é descrita por Freud (2016, p. 40), como “a união dos genitais no ato denominado copulação, que leva à resolução da tensão sexual e temporário arrefecimento do instinto sexual (satisfação análoga à saciação da fome)”. Nesse sentido, nos referimos ao macho por “objeto” assumindo uma conotação estreitamente científica e a “meta sexual” como o objetivo da protagonista (o orgasmo). Vale salientar que Gilda poderia realizar outras escolhas sexuais para somar ao seu corpo e cumprir a “missão” de alcançar o gozo, como, por exemplo, a masturbação, mas sua inquietação advém justamente da relação entre homem e mulher.

O primeiro, e repetente, “objeto” é José Júlio. Com isso, notamos o desespero sexual da protagonista ao encontro da satisfação orgástica, que não se abstém de recolocar aquele que por tantas vezes saciou, apenas, o próprio desejo. E assim, continuaria:

[...] então eu disse a ele que gostaria de fazer amor. [...] Então ele me perguntou se não tinha sido exatamente por isso que eu havia me separado, mas disse que não custava tentarmos mais uma vez. Eu tinha que aproveitar, porque ele se animara, e, então, tentei me sentir pequena, fechei os olhos forçando me ver diminuta, enquanto ele explorava meu corpo afogueado, e, céus, eu não diminuía nenhum tiquito, e José Júlio entusiasmado já muito entusiasmado, e eu dizia, espera, meu bem, eu dizia, espera meu bem, enquanto me lembrava das crianças, o tamanho das crianças, quem sabe eu alcançaria, espera, meu bem, eu dizia e ele afobado penetrou em mim murmurando, chuchu, você é a mulher mais gostosa que já vi, e, em segundos tombou imóvel sobre o meu corpo. (GARCIA-ROZA, 2002, p. 103-104).

O experimento sexual não apresentou solução, a devorante pressa masculina prevaleceu, deixando-a insaciada. Ainda que recorresse à fantasia para sentir-se “diminuta”, na tentativa de copiar o método sexual da irmã, a euforia sexual de José Júlio não respeitou os pedidos de “espera”, para ela poder se ajustar à situação. Além do mais, não é descrito nenhum momento afetoso que a estimulasse sexualmente durante o ato, fatos que só evidenciam o fracasso feminino devido ao egoísmo masculino.

Diante disso, a protagonista empreende a segunda jornada corporal com Rui, a quem conhece casualmente: “E foi num dia desses, depois do expediente, em que fui tomar chope com Susie, que conheci Rui” (GARCIA-ROZA, 2002, p. 103). Eleito como segundo “objeto”, ele supostamente poderia contribuir com a chance de Gilda chegar ao ápice sexual, conforme explícito no seguinte fragmento: “Bem, a esperança estava prestes a ser alcançada.” (GARCIA-ROZA, 2002, p. 113). A “esperança” a qual Gilda se reporta é a suposta condição de satisfação que o novo caso poderia oferecer, portanto, a sua chegada ao gozo. Entretanto, podemos verificar no seguinte trecho mais um insucesso: “Ao ficarmos nus, nos agarrando aflitos, nos beijando, embolando de um lado ao outro, numa luta apaixonada, suando, rolando pela cama, quando subitamente, esquecendo-se de mim, ele entrou numa espécie de briga amorosa com seu peru” (GARCIA-ROZA, 2002, p. 114). Novamente, observamos a mulher sendo posta no plano sexual secundário (ou inexistente) pois, nesse caso, o parceiro se ocupa em sentir prazer sozinho utilizando o próprio pênis. A partir disso, entendemos o lugar de descrédito em que

Gilda foi alocada durante o ato carnal: o figurativo. Espaço esse que ela se recusa a ocupar, pois o abandono sexual repercute no descarte de Rui.

Adiante, conhece Bruno, o qual é descrito como um perfil atlético, que interrompe a relação sexual com Gilda para envaidear-se do seu desempenho físico motivado pela prática esportiva esquecendo-se de dar prazer a “outra parte”:

Ficamos nus, e ele mergulhou em cima de mim, comentando que dava várias seguidas, e como um réptil veloz, introduziu-se em meu corpo, começando a se movimentar freneticamente; passados alguns minutos, disse agora de lado, pouco tempo depois, agora do outro, menos tempo ainda na beira da cama. Parando subitamente, ele contou que o esporte fazia o sangue correr mais rápido nas veias. [...] Comecei a me vestir alegando cansaço e dor de cabeça. (GARCIA-ROZA, 2002, p. 125).

Em vista disso, constatamos que a jornada de Gilda não resulta, até então, em um conhecimento positivo, pois se depara com desacertos amorosos durante o sexo. Desse modo, observamos a recorrência da pressa masculina e da desvalorização dos atos preliminares para excitá-la. Além disso, o ato é interrompido sem aviso ou consentimento mínimo, para Bruno envaidecer-se do corpo e da disposição física. Conforme destaca Freud (2013), essa atitude aponta para um traço do comportamento narcisista, em que o indivíduo prioriza as necessidades do “eu” e do bel-prazer, assim, o outro na relação funciona como um mero acessório. Notando a falta dinâmica, a personagem forja uma desculpa (a mentira), “cansaço e dor de cabeça”, para sair da situação sem mais transtornos, não verbalizando sua desilusão em relação ao sexo praticado. Como já dito, o mentir é um mecanismo que protege o sujeito de eventuais contextos de desconforto.

Até o momento, vemos atitudes repetidas por parte dos três personagens homens, com os quais Gilda se relacionou. Todos eles se colocam vorazmente “em cima” da figura feminina. Essa posição sexual é considerada tradicional, mas tal performance nos permite inferir uma condição de superioridade do homem sobre a mulher, isto é, o “estar em cima” como uma forma representativa e simbólica de domínio masculino. Inclusive, não são narrados gestos carinhosos, estímulo nas zonas erógenas para excitar a parceira, tampouco palavras que indiquem afeto ou preocupação com o bem-estar da mulher, atitudes essas que, para Freud (2016), estimulam sexualmente a parceira e proporcionam sensação de cuidado e conforto. Nesse caso, reparamos que a busca pelo prazer não é compartilhada, beneficiando somente um dos lados, o do homem, o que nos impede de supor um caso de anorgasmia⁴ feminina, já que Gilda sequer tem oportunidade para experimentar o clímax.

Em seguida, a narradora nos conta que se encontrou por acaso com Luiz, com quem já premedita desenvolver algum tipo de relação afetiva e sexual. Ela o descreve como um jovem de atitudes gentis: “Pela primeira vez na vida a voz de um homem me acalmava” (GARCIA-ROZA, 2002, p. 184). Apesar dos atributos qualitativos utilizados na descrição de Luiz, os quais nos induzem a crer que esse seja exceção entre os demais. Todavia, não podemos esquecer que a personagem é uma mulher que tende a criar expectativas com todos os homens com os quais se relaciona.

Além do mais, ela nos mostra uma missão sexual de alcance bastante particular: “Será que dessa vez vou ser feliz? Será?” (GARCIA-ROZA, 2002, p. 168). Entendendo a felicidade como relativa, verificamos a conexão que a narradora tece subjetivamente entre o sexo e a felicidade. Adiante, Gilda reforça ainda mais esse pensamento: “Estou quase acreditando que desta vez vou ser feliz, só falta a experiência final, que, se Deus quiser, com ele vai dar certo”

⁴ Anorgasmia é um termo científico compreendido pelas ciências biológicas e áreas afins como uma condição rara, na qual mesmo recebendo todos os estímulos e obtendo as condições necessárias o indivíduo não sente prazer durante o sexo (ANDRADE; CAVALCANTE; SILVA, 2020).

(GARCIA-ROZA, 2002, p. 177). Com base nesse trecho, averiguamos que chegar ao orgasmo é o fator condicionante para sustentar o relacionamento, visto que gozar é o alvo primordial da protagonista.

Apesar da insistência do atual companheiro para transarem, Gilda enfrenta mais um empecilho que a impede de deleitar-se sexualmente. Depois das tentativas frustradas teme estar fadada ao fracasso sexual, ela reproduz o estado de continência, justificando que não consegue transar devido ao estado de frágil saúde da mãe, “Sempre desculpam quando se fala em mãe, não lembro quando fiz essa descoberta” (GARCIA-ROZA, 2002, p. 177). Tal estratégia é uma forma de mascarar a sua insegurança, que se confirma no trecho: “Tudo isso, por que me cago de medo que entre nós não dê certo...” (GARCIA-ROZA, 2002, p. 190). De acordo com a perspectiva freudiana, o medo pode ser compreendido como um mecanismo de defesa. No caso de Gilda, ele se projeta através da abstenção, ela evita ceder ao sexo de modo a evitar o contato com um resultado indesejado, devido a uma parcela de relacionamentos frustrados do ponto de vista sexual.

No desfecho da trama, nos deparamos com um momento turbulento para Gilda, pois sua mãe que já vinha de um quadro de saúde instável vem a falecer na presença da família. Nessa ocasião, percebemos que o desconsolo da protagonista se sobressai em comparação aos demais parentes, ainda que ela transparecesse ao longo do enredo ser a filha que mantinha menor vínculo afetivo com mãe. Constatamos isso no seguinte fragmento, “Quiseram me tirar dali, mas não saí, ainda queria lhe fazer carinho, enquanto ela seguia outro caminho. Meus olhos líquidos corriam por toda extensão de seu corpo imóvel, morno, largado em meus braços” (GARCIA-ROZA, 2002, p. 223). Por esse viés, poderíamos subtender que a situação provoca um estado de desordem emocional em Gilda, pressupondo um certo arrependimento por não ter construído uma relação menos conflituosa com a mãe. Contudo, apesar do eventual estado de sofrimento da personagem, esse desenlace nos permite concluir que a morte da idosa tem uma função e simbólica na narrativa, que favorece a Gilda, conforme esta passagem:

Nesse momento fui arrancada por muitas mãos, um punhado delas apareceu para nos separar. Foi um custo me desgrudarem de mamãe, mas conseguiram; Luiz me esperava na sala, me abraçou, mas eu não escutava o que ele dizia, por que subitamente o mundo, como uma gaiola imensa, se rompeu numa algazarra infinita de pássaros. (GARCIA-ROZA, 2002, p. 223).

No trecho acima, o favorecimento ao qual nos referimos anteriormente se concretiza na metáfora da gaiola, o objeto que remete à prisão é destroçado, libertando o que estava retido: inúmeros pássaros. Nessa leitura, mesmo que ao longo da narrativa a protagonista ignorasse as pontuais interferências da idosa, interpretamos que o falecimento do componente materno indica a possibilidade de libertação sexual, em virtude da mãe representar durante a narrativa um algoz. Apesar de não ficar explícito no texto se a jovem encontra o orgasmo os indícios encontrados no fim do romance nos fazem inferir que, assim como um pássaro, o qual tende naturalmente a alçar voo, Gilda poderá sentir-se livre para ir ao encontro daquilo que deseja sem repreensões.

Em concordância com as palavras de Cândido (2018, p.55), quanto à criação dos personagens e à verossimilhança desses com o indivíduo real, ele nos declara que “Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia antes de mais, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que e a concretização deste.” Assim sendo, percebemos que a ficção escrita por Lívia Garcia-Roza nos permite transferir a problemática do gozo feminino para o campo da realidade, pois sua invenção ficcional é, sobretudo, uma representação da luta feminina pelo direito sexual.

4 CONSIDERAÇÕES (não)FINAIS

Depois de muito contestar e reivindicar por espaços, a mulher ainda busca falar por si. No que tange a sua representação na literatura através de textos de autoria feminina, após séculos sendo “criadas” e moldadas pela perspectiva masculina, as linhas textuais são, agora, encorpadas por variados perfis, como é o caso do romance que aqui analisamos. Nisso, atribuímos aos Feminismos enorme contribuição na conquista de novos espaços, dentre eles a inclusão da mulher como produtora no campo da Literatura. A ausência do orgasmo, portanto, representa dentro de um *corpus* literário uma problemática que perpassa a narrativa ficcional e se estende à realidade social do universo feminino.

Com base na interpretação do texto, compreendemos que a travessia solitária da protagonista é uma dupla carreira solo, pois a busca do orgasmo é simultaneamente a busca de si. Daí, justifica-se o título “Solo Feminino”. O solo enquanto metáfora do corpo, o solo como uma procura individual. Um solo paradoxalmente acompanhado pelo abandono e desprezo ao Segundo Sexo, como bem nos relembra Simone de Beauvoir (2016) ao tratar sobre o espaço e o papel da mulher no contexto social.

A obra literária, portanto, nos possibilitou acessar os percalços femininos para uma conquista que julgamos humanamente essencial: o direito ao prazer sexual. Segundo Cosson (2018, p. 17), a literatura tem caráter “humanizador” e “nos permite saber da vida por meio da experiência do outro”. Dito isso, cremos que a criação literária de Garcia-Roza nos oportuniza enxergar um fato que no plano real passa, por vezes, despercebido pelas próprias mulheres e pelos demais. Concluímos que o fator determinante que impede o gozo da protagonista decorre do machismo estrutural. Percebemos que durante o sexo os personagens homens, com os quais Gilda se relaciona, não criam condições para excitar e satisfazer a parceira sexual, eles estão sempre movidos pela egocêntrica pressa. Nesse caso, portanto, a mulher é desvalorizada e objetificada pelos parceiros, servindo como um corpo que permite a ejaculação e o prazer das figuras masculinas.

Concordamos, inegavelmente, que a chegada da tecnologia, o “fácil” acesso à informação e os questionamentos levantados em outros domínios sociais colaboram com a quebra do silenciamento histórico sobre o orgasmo feminino. Por isso, o nosso trabalho tem valor contributivo para somar a essas discussões através da pesquisa em literatura, pois a mulher e o prazer são temas que estão longe de se esgotarem nas linhas aqui tecidas.

Acreditamos que a academia é um espaço imprescindível para validar e estabelecer debates com a sociedade sobre gênero e sexualidade, desmistificando diversos tabus através das pesquisas interdisciplinares e do diálogo público, pois, foi após o contato com a disciplina acadêmica de Literatura e Estudos de Gênero que a ideia empreendida nesta pesquisa tornou-se possível.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rógerson Tenório; CAVALCANTI, Ricardo; SILVA, Vilma Maria da. *Orgasmo feminino: prevalência de crenças errôneas em Pernambuco, Brasil*. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, [S. l.], v. 26, n. 1, 2020. P 9-14. DOI: 10.35919/rbsh.v26i1.146. Disponível em: https://sbrash.emnuvens.com.br/revista_sbrash/article/view/146. Acesso em: 4 ago. 2021.

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

Bíblia Sagrada: *Nova versão internacional*. 12. ed. São Paulo: Bíblia, 2001.

CANDIDO, Antonio; GOMES, Paulo Emílio Salles; PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva. 13. ed. 2018.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. 2. ed. 7. Reimpressão, São Paulo: Contexto, 2018.

DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. *Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre: Zouk, 2015.

FERREIRA NETTO, Waldemar. *Tradição Oral e construção de narrativas*. São Paulo: Paulistana, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Tradução: Raquel Ramallete. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901/1905)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. *As pulsões e seus destinos (1915)*. Tradução: Pedro Heleodoro Tavares. São Paulo: Autêntica, 2013.

GANCHÓ, Cândida Vilares. *Como Analisar Narrativas*. 9. ed. Série Princípios, São Paulo: Ática, 2014.

GARCIA-ROZA, Livia. *Solo feminino: amor e desacerto*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GENETTE, Gerard. *Fronteiras da narrativa*. In: *Análise Estrutural da narrativa*. Tradução: Maria Zélia Barbosa. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

GILSON, Étienne. *A filosofia na Idade Média*. Tradução: Eduardo Brandão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KNIBIEHLER, Yvonne. *História da virgindade*. Tradução: Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: Corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará, 2001.

LINS, Regina Navarro. *O livro do amor*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.

MUCHEMBLED, Robert. *O orgasmo e o Ocidente: Uma história do prazer do século XVI a nossos dias*. Tradução: Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PRIORE, Mary Del. *Histórias e conversas de mulher*. São Paulo: Planeta, 2014.

PRIORE, Mary Del. *Histórias Íntimas*. São Paulo: Planeta, 2014.

SOUZA, Patrícia Samara Marques de. Podem as mulheres gozar? *Discursos científicos sobre o orgasmo feminino*. 2019. 36. Trabalho de Conclusão de Curso- Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Cuité- PB, 2019.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me permitiu o folêgo de vida para que eu chegasse até aqui.

Às minhas ancestrais , que lutaram de diversas formas ao longo da história para que eu e tantas outras mulheres pudéssemos conquistar o direito de chegar à universidade.

Aos meus pais e aos meus irmãos por suportarem minhas melancolias acadêmicas .

À Ana Luíza, minha sobrinha, que desde cedo já demonstra amor pelos livros, pelas letras, gostando de ouvir e de narrar histórias.

A Elizandro Lima, amigo de infância, o qual acompanhou e dividiu comigo choros e risos ao longo desta travessia (Zandro, há muito chão pela frente). Amigo, obrigada!

Ao meu querido Ilton Lopes, que compartilha comigo leituras, projetos, carinho e um bom café, sempre!

Ao meu tio Lourival, que apesar da distância física é um referencial de sentatez e sabedoria para mim.

À Alessandra Magda de Miranda, que encarou aos 19 anos uma sala de aula de uma escola pacata e semeou em mim a apreciação pelas letras e , sobretudo, pela leitura literária. Eis o fruto, professora!

À Tatiana Sant'ana, com quem tive o prazer de encontrar durante o curso de Letras e por quem desenvolvi sincera admiração e respeito.

À Cristiene Cordeiro, pessoa que tenho em alta conta, com quem aprendi muito sobre profissionalismo, humanidade e psicologia. Cris é coração!

Ao meu orientador, Antônio de Pádua, o qual considero genial. O conheci, primeiramente, através dos livros e me indentifiquei instantaneamente quando li que a educação redime o pobre. Posteriormente, pude apreciar suas aulas na disciplina de Literatura e Estudos de Gênêro, das quais resultou esta pesquisa. Obrigada por tudo, professor!

À Banca Examinadora, pela disponibilidade e pelas contruibuições, que são de grande valia para meu crescimento como pesquisadora.

À UEPB, por dispor deste curso, do qual tenho a honra de ter feito parte.

A todos, meu muito obrigada!